

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	35000	18000	5950	8120
Possessões ultramarinas, (idem).....	45000	25000	-	-
Estrangeiro (união geral dos correios)	55000	28500	-	-
Brazil (moeda fraca).....	155000	78500	-	-

4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 83

11 DE ABRIL 1881

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.



S. M. I. ALEXANDRE III, NOVO IMPERADOR DA RUSSIA

(Segundo uma photographia de Levitzki de S. Petersburgo)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO. — Victor Hugo e a sua festa, GUILHERME DE ABEVEDO. — O nosso supplemento, Victor Hugo, G. L. — O czar Alexandre III. G. L. — O novo ministerio portuguez — As nossas gravuras — O gabinete portuguez de leitura no Rio de Janeiro e o tri-centenario de Camões, G. L. — Marcos Portugal — Viagens dos srs. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens, na Africa Equatorial, ALBERTO DE CERVAES — Publicações.

GRAVURAS. — S. M. I. Alexandre III, novo imperador da Russia — Assassinato de S. M. I. Alexandre II, imperador da Russia no dia 13 de março de 1881, em S. Petersburgo — O novo ministerio portuguez, Antonio Rodrigues Sampalo, Lopo Vaz de Sampalo e Mello, Julio Marques de Vilhena, Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, Miguel Martins Dantas, Antonio José de Barros e Sá, Caetano Pereira Sanches de Castro — Convento de Santo Antonio dos Capuchos na Aldela da Merceana — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

E chama-se a isto primavera!

Eu estou morto de curiosidade porque o céu se faça azul, a brisa suave, o sol tepido, e não é para ir, á tarde, passeiar ao Campo Grande, nem para dar que fazer aos burriqueiros de Cintra, nem para *deslizar* á noite, debaixo do olhar branco da lua, n'um *fragil batel*, sobre as aguas limpidas do Tejo de cristal, nem para ir jantar ao Alfeite, nem para ouvir aos domingos de tarde a musica no Passeio Publico, nem para ir fazer *parties de plaisir* para a Perna de Pau, palavra de honra que não é, é sómente para ver então como é que chamam a esse tempo.

Isto é primavera, e a gente sente a bronchite a estalar-lhe na garganta, o defluxo a chorar-lhe nos olhos, a vermelhejar-lhe no nariz, e não pôde dar um passo sem umas bellas botas de duas solas, um forte prussiano cheio de pelles, umas pillulas de Kermes e dois frascos de seiva de Pinheiro Lagasse!

E' isto que nos faz descrentes, já não podemos ter confiança no sr. Padre Vicente, nem no *borda d'agua*, nem no dicionario, e temos de nos convencer de que *primavera* é uma palavra vã, é peor ainda, é uma palavra molhada, e quando a lermos em alguma parte, temos logo que abrir o chapéu de chuva.

Um conselho prudente: se se lér esta palavra n'um volume de versos, abra-se immediatamente o chapéu de chuva, mas não se esqueça sobretudo de fechar logo o livro.

Entretanto se as nuvens que se abrem sobre nossas cabeças em enormes duches, nos atribulam a existencia, nos molham o fato, e nos enchem de constipações e de descrença pela grammatica e pela folhinha, ao menos prestam um valioso serviço á nossa vaidade.

O sr. cardeal patriarcha de Lisboa deu ordens terminantes para que em todo o patriarchado se fizessem preces para que a chuva parasse, e isto deve dar ao estrangeiro, á Europa inteira, uma alta idéa de nós, e um desmentido formal ás versões que lá por fóra correm, de que Portugal é um paiz que está a pedr chuva!

— No meio de tudo isto, porém, ha uma coisa que nos entristece. O inverno ainda cá está, e a companhia lyrica já se foi: ainda não fechámos o chapéu de chuva, e S. Carlos já fechou as suas portas.

Nós tínhamos agora aqui mesmo á mão, uma imagem mímosissima para applicar ao encerramento da época lyrica, uma imagem que produziria profunda sensação no mundo litterario de Lisboa, mas que por um excesso de profunda modestia não empregamos. Na ultima noite, uma noite exclusivamente dedicada a Borghi-Mamo, a grande artista cantou o primeiro acto do *Polinto* e o terceiro acto do *Othello*.

Ha males que vem por bens, e se os nossos ouvidos lamentam sem consolação a ausencia

de Borghi-Mamo, a nossa prosa dá um grande suspiro d'alívio com a partida da illustre primadona.

É que realmente já não temos adjectivos para ella: estávamos muito bem sortidos, dizemol-o sem rebuço, mas o talento cada dia mais deslumbrante da grande artista, esgotou a nossa rhetorica laudatoria.

Para o desempenho da *Desdemona* não encontramos senão um adjectivo: — espantoso. Não ha luvas, não ha grammatica, não ha Roquete algum que resistam áquillo.

— Como encontram agora todas as noites o theatro de S. Carlos fechado, as confortaveis caléches das nossas elegantes ricas, começaram a aprender o caminho do theatro de D. Maria.

E tem bom gosto as elegantes de Lisboa porque é muito preferivel a passar uma noite, sósinhas, no seu *boudoir*, a chorar saudades sobre a *Desdemona*, a Margarida, a Alice, que o Brazil vae ter, o ouvir a *Sara* de Fernando Caldeira, um escriptor elegante, gracioso, delicado, muito em voga na alta sociedade, e que accumula, com rara felicidade os talentos de poeta, de dramaturgo, de pintor, de pianista e de maestro.

A *Sara* tem o primeiro acto esplendido, e no terceiro ha scenas magnificas prejudicadas, talvez, por demasiadamente dilluidas. O desempenho da *Sara* é primoroso por parte de Virginia, Emilia dos Anjos, João e Augusto Rosa, Joaquim d'Almeida e Pinto de Campos.

— Os artistas portuguezes mandaram já para Madrid as obras que destinam áquella exposição. Sabemos que entre essas obras ha algumas verdadeiramente notaveis e que nos representarão com honra em Hespanha. E visto fallarmos de Bellas Artes devíamos fallar da reforma da Academia, mas o espaço falta-nos hoje, porque, antes de terminarmos a nossa chronica, temos que fallar d'um concerto que houve na noite de 8 no salão do theatro da Trindade, e que de repente se transformou n'um grande acontecimento.

— O concerto foi dado por dois artistas de muito talento o sr. Vieira, pianista notavel e o sr. Alfredo Gazul!

Foi uma festa magnifica em que ouvimos pela primeira vez a symphonia d'uma opera inedita do sr. Guimarães, que nos pareceu ter cousas excellentes, em que mais uma vez applaudimos os raros meritos de pianista do sr. Vieira, e a voz esplendida do sr. F. de Andrade.

Mas d'essa festa brilhante o esplendor enorme, o que a tornou realmente excepcional foi o que não estava annunciado, a despedida de Borghi-Mamo. A grande artista estava na sua cadeira de espectadora, na galeria, ao lado de seu pae, vestida já em traje de viagem. O paquete estava já no Tejo e na manhã do dia 9 levantava ferro para Valparaizo. As malas de Borghi-Mamo estavam já fechadas, e ella trajava um vestido preto com quadrados azues, um chapéu redondo com umas fitas de tule.

Uma comissão de entusiastas vae á galeria pedir á grande artista para ir cantar, ajuda uma vez em Lisboa, antes que o paquete a leve.

Ella accede logo, atravessa a sala no meio d'um entusiasmo doido, sobe ao estrado, canta duas vezes, deliciosamente, uma encantadora melodia italiana *L'ultima bugia*, e fremitos de entusiasmo percorrem toda a sala.

E foi assim que o concerto do sr. Vieira e Gasul teve as honras de ser a verdadeira despedida de Borghi-Mamo, o encerramento real da estação lyrica d'este inverno, que — agora não podemos resistir á imagem mímosa; é a segunda vez que ella vem aos bicos da nossa penna, e d'esta vez não nos podemos conter, vamos deslumbrar o leitor, tenha paciencia, — que, como os antigos sonetos — lá vae ella! — *fechou com chave d'ouro*.

GERVASIO LOBATO.

VICTOR HUGO E A SUA FESTA

Paris que é uma cidade sceptica, voluvel, caprichosa, pueril, dizem muitos, Paris praticou ha poucos dias esta acção grandiosa;

inverteu a tradição e fez a um soberano do espirito uma d'aquellas soberbas apothecoses que outr'ora os povos só sabiam fazer aos soberanos do nascimento ou do acaso. Honrou a dignidade humana aclamando a intelligencia e a honra como as unicas realidades indiscutíveis do seculo XIX.

Victor Hugo que no dizer d'um bello espirito *entrou vivo na immortalidade*, viu desfilhar pela sua frente um exercito de quatro centos mil soldados da paz cantando a *Marselheza* que d'um hymno de guerra se tornou n'um cantico de concordia. A frente d'onde tem sahido tantos raios, a cabeça que tem afrontado altiva tantas tempestades, o vulto que nunca se curvou ao embate das coleras dos poderosos, teve de se curvar pela primeira vez ao peso das corôas do triumpho.

A biographia de Victor Hugo está escripta e está gravada definitivamente no bronze da historia seria portanto superfluo repetir n'este lugar quem é esse homem estranho, d'onde veio e para onde caminha. Nascido d'um pae soldado da revolução mas d'uma mãe vendeanna, cantou primeiro as *crenças* que esvoaçavam em roda do seu berço, cantou os reis; mas apenas o espirito do poeta se libra em liberdade nas suas azas de condor, já não canta os reis: canta a humanidade.

A aguia solta o seu vôo e do pôr do sol da realza vem planear em toda a sua magestade na aurora da revolução.

O poder crescente do genio de Victor Hugo afirma-se principalmente por este facto: é uma aguia que vôa d'uma idade a outra idade.

E' uma gloria academica sendo ao mesmo tempo uma gloria humana.

Só Paris com a sua phantasia, o seu genio, a sua independencia, podia hoje fazer a um *vito* a ovação que no dia 27 de fevereiro echoou ruidosamente em todo o mundo.

Nunca se viu consagração menos official e mais solemne; menos bouocratica e mais popular; mais digna e ao mesmo tempo mais viva, mais humana e mais pittoresca.

O poeta estava á janella da sua casa da Avenida d'Eylau n.º 130. Logo de manhã havia recebido uma commissão de creanças que lhe chilreava um hymno commovedor. O presidente da republica enviara-lhe um fresco ramo de rosas e o governo presenteara-o com um esplendido vaso de Sevres.

Tocava a sua vez ao povo.

De subito ouve-se ao longe o hymno *Patria!* As palavras são do proprio Hugo, a musica é d'um seu irmão gemeo na immortalidade, de Beethoven. O poeta da *Legenda dos seculos*, a aguia dos *Chatiments* commove-se ouvindo as aclamações ruidosas que principiam a ressoar ao longe, perto do Arco do Triumpho. A guarda avançada do grande exercito annuncia-se ao longe pelos seus clamores victoriosos, e dentro de dez minutos o espectador collocado no extremo da Avenida d'Eylau, enfiando o olhar até ao anglo do arco levantado ás glorias da guerra, avista, planeando acima da torrente humana, uma floresta de bandeiras e de pendões de multicores!

As senhoras das janellas e as alas compactas de espectadores, por entre os quaes marcha o grande prestito, aclamam com um entusiasmo todo parisiense as corôas e os trophéos que vão passando successivamente para ser depositos no loureiro d'honra erguido á porta do poeta. As musicas enchem o ambiente com os seus hymnos victoriosos: a multidão marcha em alas cerradas, a passo de carga por que o dia é curto e o exercito a desfilhar é grande. De quando em quando um hymno cadenciado das sociedades coraes marca o rythmo da marcha entre o silencio religioso da multidão que escuta. Quando as phalanges passam em frente da janella de Victor Hugo um brado atordoador é levantado com furia. O poeta está á janella e saúda a multidão com ar commovido e verdadeiramente enleado. Tem ao pé de

si os dois netos; a pequenina Jeanne e o pequeno Georges, as crianças predestinadas que leem já uma legenda. E todos tres atiram beijos á multidão que passa: burguezes, operarios de *blouse*, soldados de kepi, escriptores, artistas, chefes de familia com as suas mulheres pelo braço, presidentes d'associações com as suas bandeiras, jornalistas com as suas corças, homens do povo com os seus bons instintos. Alguns nunca terão lido Victor Hugo mas em todo o caso sabem que é um grande homem, uma gloria da França, um ser que se deve saudar.

O cortejo leva a desfilar cinco horas e menos do que isso a encher-se de cordões o atrio da casa do poeta. As seis horas da tarde ha já um trasbordamento de palmas e de flores. Os estrados erguidos para receber as offerendas das rosas estão literalmente cobertos: o loureiro d'honra verga ao peso dos trophéus: as portas e as janellas acham-se circumdadas de grinaldas. Sente-se a embriaguez dos perfumes n'aquella atmosphera: a pequenina casa da Avenida d'Eylau va parecer n'um diluvio de violetas!

E tem passado centenas e centenas d'associações. As sociedades operarias de Paris, os marinheiros do Senna com os seus trages pittorescos, as sociedades gymnasticas parisienses, associações litterarias, gremios de beneficencia, delegados provinciaes, e, enfim, a grande turba anonyma delegada da humanidade, representante d'essa grande força que se chama a Popularidade!

A noite transportam-se todas as offerendas para o salão de Victor Hugo que não pôde occultar a voluptuosidade olimpica com que aspira todas aquellas fragancias. O luctador julga-se quite de sessenta annos de batalha: Ainda ha dez annos que uma turba fanatica e beata o apedrejara em Bruxellas; ha dez annos apenas que o homem que um dia o arremessara para fóra de França, expiara nos lamações de Sedan vinte annos de impostura e de traição.

Supremo poder do genio! Elle triumphante n'uma pequenina casa de tres janellas de frente na Avenida d'Eylau. O ultimo cesar da França tornado simplesmente n'uma memoria exaceranda! D'um lado uma casa atufada de rosas, do outro, em face do Arco de Triumpho, ao longe, as ruinas das Tulherias aonde a aguia dos Castigos parece ter rossado a sua aza flamejante!

GUILHERME D'AZEVEDO.

O NOSSO SUPPLEMENTO

VICTOR HUGO

(NOTAS BIOGRAPHICAS)

Victor Marie Hugo, o grande poeta que no dia 27 do feveiro ultimo teve a gloriosa apothese universal, que nunca nenhum poeta teve em sua vida, nasceu em Besançon em 26 de feveiro de 1802:

«Ce siècle avait deux ans»

Seu pai foi Segisberto Hugo, então capitão do exercito, depois general, e feito conde por Napoleão, e de Sophia Trébuchet filha d'um capitão de navios de Nantes.

Com cinco annos de idade, em 1807, Victor Hugo, depois de ter acompanhado seu pae pela Hespanha e pela Italia, foi pela primeira vez a Paris, e alojou-se n'uma casa da rua Mont-Blanc, onde aprendeu a ler, enquanto seu pae andava batalhando pela Italia. Depois fez uma viagem a Roma e a Napoles e voltou com sua mãe a Paris, indo morar para uma casa do *faubourg Saint-Jacques* cujo jardim, o poeta descreveu, mais tarde, n'uma poesia que começa por estes versos:

«Le Jardin était grand, profond, mystérieux.
Perné par de hauts murs aux regards curieux, etc.

A primeira educação de Victor Hugo foi dirigida pelo general Laborie, refugiado em sua casa como comprometido na conspiração de Moreau, e por um velho padre La Rivière, das relações da mãe do poeta.

Em 1809 Victor Hugo partiu para Hespanha na companhia de sua mãe, e de volta novamente a França em 1812, entrou no collegio Cordier, a fazer os seus estudos. Dos treze aos dezesseis annos Victor Hugo começou logo a revelar-se poeta, fazendo epistolas, satyras, odes, idylls, madrigaes, contos, uma tragedia *Irtaniéna*, e um drama *Igné de Castro*. Em 1817 mandou a Academia uma epistola «*Avantages de l'étude*» que foi julgada digna de pre-

mio, mas não foi premiada porque o poeta declarava ter apenas quinze annos, e a Academia cuidou ver um logro n'essa declaração.

De 1818 a 1822 publicou a ode da *Statue de Henri IV*, e das *Jeunes filles de Verdun*, *Louis XVIII*, *Maise sur le Nil* e finalmente todas as odes e balladas que denunciavam um grande talento lyrico. Foi no dia em que appareceram as odes, que Chateaubriand classificou Victor Hugo com a celebre phrase, que ficou, de «*Enfant sublime*».

O general Hugo queria que seu filho seguisse a vida militar e fez-o entrar na escola polytechnica. Victor Hugo tinha grandes aptilões para as sciencias mathematicas, mas a sua preocupação litteraria desviou-o d'esse campo, e abandonou o curso militar para se dedicar exclusivamente a litteratura. A queda do imperio arruinou a sua familia: a mãe de Victor Hugo morreu, e o poeta, sem recursos pecuniarios viveu muito tempo de uma pensão de 1:500 francos que lhe dava Luiz XVIII. Mais tarde sabendo que Victor Hugo trabalhava com rara energia, para ganhar os meios de casar com uma amiga de sua infancia, Mademoiselle Adelia Fouché, que depois foi a boa companheira de toda a sua vida, Malama Hugo, a quem se deve esse livro interessantissimo *Victor Hugo raconté par un témoin de sa vie*, dobrou-lha a pensão.

O primeiro volume das odes de Victor Hugo publicou-se em 1812, e de então para cá a litteratura europea enriqueceu-se rapidamente com as obras primas saídas successivamente da penna gigante do colossal poeta.

Em 1823 publicou-se o *Han d'Islande*, o seu primeiro romance, em 1824, o segundo volume das Odes, em 1826 o *Bug Jargot*, e o terceiro volume das Odes, seguido das *Ballades*, em dezembro de 1827 o seu primeiro drama o *Cromwell* cujo prefacio notabilissimo foi a declaração de guerra ao classicismo, e o evangelho dos Romanticos. Seguiram-se-lhes as *Orientales*, umas orientaes inspiradas no seu pequeno jardim de Vanves, onde o poeta ia ver o pôr do sol, como Musset, diz na *Marboche*:

.....Poi serment à l'heure
où (quand par le brésilard la chaire s'ôte et pleure)
Monsieur Hugo va voir mourir l'orbis le blond.

Os seus primeiros dramas de combate litterario foram o *Cromwell* e *Amy Robart* que caiu desastrosamente na primeira noite no theatro, e que nunca mais se representou, nem foi impresso.

Em 1829, representou-se pela primeira vez o notavel drama em verso *Marion Delorme* que foi prohibido logo pela censura, e logo substituido pelo poeta pe'o *Hernani*, escripto em algumas semanas e representado em 25 de feveiro de 1830, com um successo colossal, no theatro Francez.

A lucta entre os romanticos e os classicos estava travada; o *Hernani* foi o signal das grandes batalhas litterarias, e d'ahi em diante cada novo livro de Victor Hugo excitava enthusiasmos loucos, e aggressões violentas, verdadeiros combates terriveis de escola.

Ao *Hernani* seguiu-se em 1831 o notavel romance *Notre Dame de Paris*, e as *Feuilles d'Automne*. Em 1830 a *Marion Delorme* reapareceu na *Porte Saint-Martin* seguindo-se-lhe o *Roi s'amuse* no theatro Francez, na memoravel noite de 24 de novembro de 1832, que originou grandes tumultos sendo prohibido pelo governo no fim da primeira representação.

Em 1835 o theatro francez deu o *Angele*, e em 1838 a *Porte de Saint Martin* deu, com grande exito a seguir, a *Lucrecia Borgia*, *Marie Tudor* e *Ruy Blas*, considerado juntamente com o *Hernani*, as duas obras primas dramaticas de Victor Hugo.

Entretanto, no passo que o poeta triumphava no theatro e fazia uma completa revolução, os successos de litteraria não eram melhores, e o *Dernier jour d'un condamné* (1829), *Les chants du crépuscule* (1825), *Les voix intérieures* (1837), *Les rayons et les ombres* (1840), eram procuradas com enthusiasmo, e deram a Victor Hugo um nome universal.

Em 1842, o poeta publicou as *Lettres sur le Rhin*, que foram como que o prefacio do drama *Burgraves*, representado pela primeira vez no anno seguinte (1843).

No dia 3 de junho de 1841, Victor Hugo, já então considerado como o primeiro poeta da seculo, foi eleito membro da Academia Franceza, e occupou a cadeira vaga pelo fallecimento de Neponceña Lemerrier.

O papel do grande poeta na politica não é menos importante. Realista na sua mocidade, cantando a volta dos Bourbons, os heroes da Vendée e as victimas da Republica, depois par de França, feito por Luiz Philippe, seguiu a politica d'este, indecisamente, até que abraçou decidida e apaixonadamente a causa democratica, que tem n'elle o seu grande patriarcha.

Em 1848 fundou o *Evenement* com seus dois filhos Carlos e Francisco, Paulo Maurice, Vacquerie, Theophile Gautier e Augusto Vito, e ali começou a sua brilhante propaganda da democracia moderna. No jornal com a penna, e na camara com a palavra, fez um mal terrivel ao bonapartismo, e quando se tratou da reeleição de Luiz Bonaparte, Hugo proferiu aquelle discurso violentissimo em que marcou o futuro hero de Sedan com o celebre nome de *Napoléon le Petit*.

No golpe d'estado de 2 de junho de 1851, o nome de Victor Hugo foi um dos primeiros da lista dos proscriptos. O poeta teve que fugir para Bruxellas, onde publicou o *Napoléon le Petit* e *Les Châtiments*, recolhendo-se depois a Jersey, onde seu filho traduziu as obras do Shakespeare.

Em 1856, ainda no exilio, Victor Hugo publicou as *Contemplations*, em 1859 a *Légende des Siècles*, em 1862 o seu notabilissimo romance *Les Misérables*, em 1866 *Les travailleurs de la mer*, e mais tarde *L'homme qui rit*. No intervalo d'estes dois romances, publicou as *Chansons des rues et des bois*, e em 1864 o livro intitulado *William Shakespeare*.

Obrigado a sair de Jersey, refugiou-se em Guernesey, onde escreveu um grande numero d'estas obras. O seu exilio foi de vinte annos e alguns dias. Depois de 4 de

setembro, Victor Hugo voltou a Paris entre as aclamações da população, por fim justiciera.

Por occasião do cerco de Paris, Victor Hugo mandou um protesto aos allemaes, e fez uma nova edição dos *Châtiments*, cujo producto da venda offereceu a Paris, para a compra de canhões e organização de ambulancias.

Em 8 de feveiro de 1871 foi enviado pelo departamento de Sena á assembléa encarregada de regular as condições da paz. Quando rebentou em Paris a communa, Victor Hugo recebeu um golpe cruel, a noticia da morte em Bordeaux de seu filho Carlos, o unico que lhe restava.

Em 1872 Victor Hugo publicou o *Année terrible*, em 1874 o *Quatre-vingt-treize*, em 1875 *Avant l'exil*, em 1877 a *Histoire d'un crime*, em 1878 *Le Pape*, depois *L'art d'être grand-père*, e finalmente *Religion et Religions*, e ainda ha poucos mezes o notavel poema *L'âne*.

No dia 26 de feveiro d'este anno, o grande poeta completou 79 annos, e a França fez-lhe a extraordinaria homenagem que n'outro local do Occidente vas descripta pela penna brilhante de Guilherme de Azevedo.

O CZAR ALEXANDRE III

Alexandre Alexandrowitch, o novo czar da Russia, aclamado no dia 14 de março ultimo no meio d'uma população aterrada que se debate contra dois flagellos terriveis, o despotismo e a anarchia, a autocracia e o nihilismo é o filho segundo do imperador Alexandre II, morto no dia 13 de março pelos nihilistas, e da czarina Maximilianna Guilhermina Maria, filha do grão duque de Hesse.

O novo imperador da Russia era grão duque herdeiro desde 1863, anno em que seu irmão mais velho, o grão duque Nicolau morreu em Nisa, d'uma lísica contra a qual foram impotentes toda a sciencia dos medicos e todas as caricias beneficicas do clima do meio dia.

O grão duque Nicolau era desde o berço, uma criança magra, pallida, debil, marcada pela morte. Estava para casar com a princesa Dagmar da Dinamarca, uma das princezas de Galles, quando o estado melindroso da sua saude se aggravou e os medicos russos lhe aconselharam immediatamente uma viagem a Niza.

A czarina sua mãe, e a princesa Dagmar sua noiva acompanharam o pobre doente cheias de esperanza. Em breve a perderam. O clima de Niza nada poude contra a terrivel doença, e um dia o czar foi avisado de que o seu herdeiro estava a expirar. O czar partiu logo para Niza, n'um trem expresso que gastou apenas 82 horas na viagem e d'all a dias o czarewitch morria deixando o throno e a noiva, a seu irmão segundo, ao grão duque Alexandre, que estava tambem em Niza.

A maneira porque foi feito este segundo legado conta-se d'uma maneira poetica, que tem o seu que de romance sentimental.

Um dia ao lado do leito onde agonizava o czarewitch estavam a princesa Dagmar, e o grão duque Alexandre.

O doente, vendo já deante de si a morte, sentindo que ia abandonar este mundo, sentou-se lentamente na cama, e olhando para sua noiva e para seu irmão, poz a mão d'ella na d'elle, dizendo com uma grande resignação generosa — Cazo-vos!

A vontade do moribundo cumpriu-se, e a princesa Dagmar, era d'all a pouco tempo a esposa do grão duque Alexandre e hoje a czarina de todas as Russias.

Foi um grande legado o que Nicolau, expirando, fez ao seu irmão Alexandre: um legado muito maior que o do throno da Russia, onde a morte e o terror o cercam por todos os lados; a princesa Dagmar só foi a alegria, a felicidade, a serenidade que entraram na vida do futuro imperador.

Até então soldado valente, estroina, despreocupado, Alexandre ao sentir-se no primeiro degrau do throno maior da Europa e por isso mesmo mais perigoso, mudou completamente. Elle que até ali não sabia senão combater, começou a saber estudar, a procurar nos livros a sciencia da governação.

A princesa Dagmar tem grande parte na metamorphose operada no czarewitch. Não é só a mulher formosa, a esposa seductora e amante; é tambem a mulher de espirito, a companheira boa, forte, intelligente, corajosa, que



ASSASSINATO DE S. M. I. ALEXANDRE II IMPERADOR DA RUSSIA, NO DIA 13 DE MARÇO DE 1881, EM S. PETERSBURGO (segundo um desenho enviado de S. Petersburgo)

O NOVO MINISTERIO PORTUGUEZ

mostra a seu marido o caminho que vae dar a um bom rei, que ensina o herdeiro da corôa a preparar-se solidamente para as terriveis responsabilidades que o esperavam n'um futuro proximo.

A popularidade do czarewitch veio-lhe tambem em parte de sua esposa. Foi ella filha de um rei que a Alemanha tão maltratou, que lhe inspirou os sentimentos liberaes e anti-germanicos, que contrastaram tão singularmente com a politica e as predilecções do czar, e que lhe grangearam fundas sympathias na Russia e na Europa.

O czar Alexandre III manterá no throno as opiniões e os sentimentos do grão duque herdeiro?

E' isso que em breve se verá; é o segredo de amanhã.

A vida do czarewitch era um modelo. Todas as manhãs saía do seu palacio Anitkoff a visitar seu pae de quem era ajudante de campo, mas com quem não tinha grandes intimidades. Do seu bolsinho o grão duque herdeiro gastava cerca de 5 contos de réis por anno em auxiliar os artistas pobres do seu paiz.



ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO
Presidente do Conselho e Ministro do Reino



LOPO VAZ DE SAMPAIO E MELLO
Ministro da Fazenda



JULIO MARQUES DE VILHENA
Ministro da Marinha e Ultramar



ERNESTO RODOLPHO HINTZ RIBEIRO
Ministro das Obras Publicas



MIGUEL MARTINS DANTAS
Ministro dos Estrangeiros



ANTONIO JOSÉ DE BARROS E SA
Ministro da Justiça



CASTANO PEREIRA SANCHES DE CASTRO
Ministro da Guerra

Era o seu unico luxo. As despesas do seu palacio, o custeamento da sua vida eram modestissimos. Ha muitos annos que a economia era uma das suas constantes preoccupações.

O novo czar que tem hoje 36 annos, é alto, forte, robusto, valente na guerra, frio e laconico na vida publica, amavel e expansivo na intimidade. O seu caracter é energico e audaz. A sua vida com a princesa Dagmar tem sido um verdadeiro idyllio. D'esse casamento abençoado ha hoje quatro filhos; o grão duque Nicolau, o czarewitch, que tem 21 annos, o grão duque Jorge, que tem 10 annos, o grão duque Miguel que tem 3, e a grã-duqueza Xenia que tem 6 annos.

Pelo seu enlace com a princesa Dagmar, Alexandre III é cunhado do principe de Galles, do rei da Grecia, do principe real da Dinamarca, e do duque de Cumberland.

Como é sabido o novo czar fez já as suas disposições para, no caso de morte, regular a successão á corôa.

G. L.

O NOVO MINISTERIO PORTUGUEZ

O CONSELHEIRO ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO, presidente do conselho de ministros e ministro do reino. — É bem conhecido o notavel jornalista que hoje preside ao governo da nação. Antonio Rodrigues Sampaio tem 76 annos. Nasceu em 25 de julho de 1805 em S. Bartholomeu do Mar, concelho d'Espozende e filho de um modesto lavrador, conquistou rapidamente a celebridade com esse vigoroso jornal-pamphleto, o *Espectro*, de que se fez recentemente uma nova edição, e que é um dos mais notaveis monumentos do jornalismo portuguez. Liberal convicto e audaz, trabalhador infatigavel e energico, Antonio Rodrigues Sampaio, deve exclusivamente a si, ao seu talento, á firmeza honrada das suas convicções, á força poderosa da sua penna de jornalista, o nome brilhante que tem ha muito tempo na politica e nas letras portuguezas, e a posição eminente que hoje occupa.

Em 1851 o antigo redactor da *Veteta da Liberdade e do Espectro*, então redactor politico da *Revolução de Setembro*, foi pela primeira vez á camara dos deputados, eleito por Lisboa.

Deputado em consecutivas legislaturas, presidente da camara, Antonio Rodrigues Sampaio sentou-se pela primeira vez nas cadeiras de ministro, em 1870, no gabinete presidido pelo duque de Saldanha, e occupando logo a pasta mais importante, a do reino. Em 1871 e em 1878 Sampaio foi do novo ministro do reino em dois gabinetes presididos pelo sr. Fontes. Agora el-rei chamou-o para organizar o gabinete que succedeu ao governo progressista, e o antigo jornalista formou esse gabinete á que preside e em que tem a seu cargo a pasta do reino, com elementos quasi que exclusivamente regeneradores.

É um liberal convicto e honrado, isento de odios politicos, um homem de bem, um caracter extremamente affavel e delicado.

LOPO VAZ DE SAMPAIO E MELLO, ministro da fazenda. — É a primeira vez que entra nos conselhos da corõa. Nasceu em Salsroca em 1847, formou-se em direito em Coimbra, e encaminhou sempre os seus estudos para os assumptos economicos. Redigiu o *Jornal da Noite* durante algum tempo, na ausencia do seu director, o falecido jornalista Teixeira de Vasconcellos. Deputado em varias legislaturas, tomou parte activa e saliente nas discussões parlamentares. Foi nomeado pelos regeneradores director geral de instrucção publica, e d'alli a pouco tempo director geral das alfaudegas, logar que ainda exerce, e onde tem merecido a estima dos seus subordinados.

JULIO MARQUES DE VILHENA, ministro da marinha. — Foi um laureado da Universidade, e conquistou com um dos seus livros *As raças historicas na peninsula ibérica*, um logar na Academia das Sciencias, e certa nomeada.

Tem 35 annos, é natural de Ferreira do Alentejo e é deputado ha 7 annos. Na camara tem tomado parte notavel nas discussões, e combatou energicamente o governo progressista. Do mesmo modo que todos os seus collegas no gabinete, á excepção do sr. Sampaio, é a primeira vez que sobe aos conselhos da corõa.

ERNÉSTO RODOLPHO HINTZE RIBEIRO, ministro das obras publicas. — O mais novo de todos os ministros actuaes. Tem 32 annos e é natural da ilha de S. Miguel. Curson com distincção a faculdade de direito, e em 1877 estabeleceu-se como advogado em Lisboa. Em 1878 foi eleito deputado, pelos regeneradores, da Ribeira Grande, e ultimamente tomou parte activa e importante nos debates parlamentares. Tem alguns trabalhos sobre direito muito apreciados.

ANTONIO JOSÉ DE BARROS E SÁ, ministro da justiça. — Antigo parlamentar, juiz relator do supremo tribunal de guerra e marinha, e par do reino. É sogro do sr. Barros Gomes, o ministro da fazenda da situação passada. Foi soldado da junta do Porto e tem militado em diversos partidos liberais.

MIGUEL MARTINS DANTAS, ministro dos negocios estrangeiros. — Antigo diplomata, e nosso ministro em Londres, quando o sr. Sampaio o escolheu para fazer parte do gabinete. É par do reino, homem illustrado, muito estimado no estrangeiro, e autor de um livro interessante *Les faux Don Sebastien*, que lhe deu entrada na Academia das Sciencias de Lisboa.

CAETANO PEREIRA SANCHES DE CASTRO, ministro da guerra. — É coronel de engenharia. Tem 58 annos e sentou praça em 1839. Commandou o batalhão de engenheiros, tem desempenhado varias commissões de serviço, entre ellas a de defeza de Lisboa, de que foi nomeado presidente por morte do marquez de Sá. Foi deputado por Valença durante a situação regeneradora.

AS NOSSAS GRAVURAS

ASSASSINATO DO CZAR ALEXANDRE II

No nosso ultimo numero contámos, no artigo que acompanhou o retrato de czar Alexandre II, as peripecias do crime a que succumbiu no dia 13 de março o imperador da Russia.

A gravura que damos hoje representa um dos episodios d'essa tragedia medonha e fulminante, que durou apenas segundos e que fez eterno eco na historia.

Como se sabe foram duas as bombas lançadas sobre a carruagem imperial, a primeira pelo estudante Nicolau Ivanov Ryssakow, que foi logo preso, a segunda, a que matou o imperador por outro nihilista, disfarçado como

o primeiro em varraslor, mas que morreu dos estilhaços da bomba, e que foi mais tarde reconhecido no hospital pelos seus cumplices presos.

A nossa gravura representa o imperador apeando-se no momento em que rebentou a primeira bomba, que lhe partiu duas rodas da carruagem e matou e feriu alguns dos cossacos que o acompanhavam.

O imperador vinha de almoçar com a grã duquesa Catharina, e recolhida ao palacio de Inverno n'uma sólida carruagem fechada e blindada com fortes placas de ferro. O imperador vinha com o seu ajudante, escoltado por seis cossacos, levava um septimo cossaco na almofada ao lado do cocheiro, um velho de barbas brancas muito dedicado ao seu anno, e era seguido pelo intendente da policia da 1.ª secção.

A bomba arrebentou debaixo da carruagem quando voltava para o eses do canal Catharina, e feriu muita gente e soldados da escolta dos quaes morreu logo um. O imperador abriu a portinhola e apoeou-se para socorrer os feridos; n'esse momento uma segunda bomba arrebentou aos pés do imperador. O resto é sabido.

Embalamado no dia immediato o corpo do imperador vestido com o uniforme do regimento de Proobragsenski foi mettido no caixão no dia 18 e transportado para a grande igreja do palacio.

O caixão foi levado pelo novo czar, pelo grã duque e pelos principes de Leuchtenberg e de Oldenburgo. No dia 18 foi transferido solemnemente da igreja do palacio para a de S. Pedro e S. Paulo, que desde Pedro I é o logar consagrado á sepultura dos czars.

CONVENTO DE SANTO ANTONIO DOS CAPUCHOS DA MERCEANA

Na estrada que da Aldeia Gallega da Merceana segue para o lugar do Arneiro, no concelho de Alenquer, existe o convento dos capuchos da invocação de Santo Antonio, que a nossa estampa representa, e que é tambem denominado convento de Chernaes.

Foi fundado em 1600 em sitio ameno e pittoresco, como em geral eram os edificios antoninos, bem que as suas fabricas fossem sempre modestas. Proferiam os bons religiosos a belleza natural da localidade aos primores architectonicos.

Este convento hoje está convertido em hospital, que a camara de Aldeia Gallega da Merceana all sustenta, tendo accommodações para cerca de trinta doentes.

Na igreja do convento ainda se celebra o culto, havendo algumas festas durante o anno, sendo a mais importante a de Passos.

O sr. Christino que tem tido occasião de gosar os prazeres campestres d'aquelle recinto teve a feliz lembrança de o copiar, e até de o converter n'um bello quadrinho a oleo, que hoje pertence ao proprietario d'este periodico.

O GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

NO

RIO DE JANEIRO

E O

TRI-CENTENARIO DE CAMÕES

(Continuado do n.º 82)

«Entretanto não era bastante para a importancia actual da colonia portugueza no Rio de Janeiro a conservação do Gabinete nas *fachas infantis* de 1837 a 1840, no movimento ephemero de 1860 e na vida modesta dos seis annos. Exigia o progresso da colonia, da sua população, riqueza e cultura, que entrasse em mais vigoroso tentamen, vencendo as difficuldades pecuniarias, alargando os seus repositórios e aspirando a estabelecimento definitivo.

«A directoria eleita em 1860 tivera uma nobre idéa, a de collocar o Gabinete sob os auspícios de Alexandre Herculano, o chefe moral da nacionalidade. Por proposta do sr. Manuel José Gonçalves Machado Junior, vice-director, fôra o illustre historiador nomeado presidente honorario da associação, que acceitou mostrando muito interesse pelo engrandecimento da instituição. A sociedade *Madrêpora*, illustre instituição que tanto favoreceu o crescimento da instrucção no reino, offeriu ao Gabinete o retrato do digno presidente honorario. É de notar que os espiritos mais altos, que acima das mesquinhas questões politicas honraram a raça portugueza n'este seculo, se interessaram pela sorte do Gabinete. Além de Alexandre Herculano citaremos Bernardo Pereira de Vasconcellos, o organisador das instituições brazileiras; Mendes Leal, a honra de Portugal nos concilios internacionaes da Europa, e José Feliciano de Castilho, o propugnador da litteratura das idéas e da linguagem de Portugal na America.

«A essa memoravel directoria de 1866, des-

tinada a lançar as bases do crescimento e reforma do Gabinete, tomaram parte: José Pereira Soares, director; dr. José de Almeida Soares de Lima Bastos, vice-director; Reinaldo Carlos Montôro, 1.º secretario; José Antonio Pereira Duarte, 2.º secretario e Antonio Fernandes, thesoureiro. No conselho deliberativo figuravam já, entre outros, alguns homens a quem o Gabinete ia dever innumerous beneficios: José Avelino da Silva Braga, o incansavel esmolero de caridade; José Joaquim Ferreira Margarido, a quem se deveu a criação do fundo de reserva; Manuel Antonio Gonçalves Roque, um dos mais constantes e generosos auxiliares das directorias desde 1860, e Eduardo Lemos. Em torno a elles havia os velhos representantes da fundação do Gabinete, e os mais ardentes advogados da continuação.

«Entretanto, quando na primeira sessão do conselho Reinaldo Carlos Montôro expoz as circumstancias pecuniarias do Gabinete e fez ver quaes os sacrificios necessarios para elevalo a condições dignas da emigração portugueza, alguns espiritos praticos esmoreceram e duvidaram. A reacção foi rapida e propria dos fortes caracteres ali congregados. Chamaram a si a passagem de acções, a obtenção de auxilios, e combinaram elevar a instituição em alicerces que desafiassem futuras contingencias de desanimo.

«N'este tempo veio ao Rio de Janeiro uma das glorias da tribuna portugueza, que a fatalidade do sangue e da exaltação das idéas levou a triste episodio e ainda a mais lamentavel desaparecimento na capital de Africa. Trata-se de Vieira de Castro, ante o qual o genio da eloquencia chorará sempre a saudade da mais alta inspiração. Vieira de Castro viu os trabalhos do *Gremio* e do Gabinete, e aquella alma dolorida de poeta enthusiasmo-se pela regeneração e progresso dos seus compatriotas da America.

«Ao humilde auctor d'este esboço offerencen elle para o Gabinete o producto da venda da impressão do seu *Discurso sobre a Caridade*, reservando-se a passagem da maior parte. D'esta generosa offerta resultou á sociedade 1:473\$000 réis, que muito contribuíram para os melhoramentos encetados.

«Ha muito que o Gabinete carecia de um catalogo supplementar, pois havia 5:300 obras em 11:000 volumes que não tinham sido relacionados em codice separado. A este herculeo trabalho prestou-se Manuel da Silva Mello Guimarães, um dos mais eruditos membros da colonia. Possuidor de ampla e notavel bibliotheca, auxiliar de Innocencio F. da Silva na confecção do *Dicionario Bibliographico*, entregue aos mais difficeis estudos de linguistica e philologia, conhecendo os mais recentes methodos de classificação bibliographica, Manuel de Mello reunia a estes dotes adquiridos, judicioso espirito, acerto de opiniões e o conselho de José Feliciano de Castilho, que sempre o distinguia entre os curiosos de saber da emigração. Este grande serviço, iniciado no periodo da directoria que funcionou no biennio de 1866-1867, concluiu-se em 1870.

«Chegando ao fim da tarefa, pôde a directoria anunciar que pagara os debitos da sociedade, passára, com o efficaz auxilio do conselho deliberativo, 652 acções, creára nova sala de leitura e restaurára os livros damnificados, elevára o fundo para o edificio a 7:250\$000, elevára a renda a perto de 8:000\$000, adquirira 2:336 volumes e deixára mais 5:000\$000 para o pagamento do *Catalogo Supplementar*.

«Succederam-se até 1872 as seguintes administrações: Em 1868: director, Manuel José Gonçalves Machado Junior; vice-director, Antonio José da Costa Braga; 1.º secretario, Eduardo Lemos; 2.º secretario, João José d'Amorim Coelho; thesoureiro, Antonio Pereira de Barbedo. Em 1869 serviu a mesma directoria, com excepção do vice-director que foi substituído por o visconde de S. Christovão. Em 1870 a administração foi assim preenchida: director, visconde de S. Christovão; vice-director, José Joaquim Ferreira Margarido; 1.º secretario, Eduardo Lemos; 2.º secretario, Manoel Anto-

não Gonçalves Roque; thesoureiro, José Maria Teixeira d'Azevedo.

«No período d'estes três annos saiu á luz o *Catálogo Supplementar*; augmentou-se a bibliotheca em 4:544 volumes; e numero de socios foi de 1:340 a 1:796; distribuíram-se com o generoso concurso do conselho deliberativo 764 acções; a remissão de mensalidades, então iniciada em larga escala com tanta vantagem para a associação, produziu a elevada verba de 8:300\$000; o fundo para o edificio subiu de 7:350\$000 a 39:153\$000, e foi encetada a compra dos terrenos para o mesmo edificio.

«Em 1871 tomou posse da administração a seguinte directoria: Boaventura Gonçalves Roque, director; João Maria de Miranda Leone, vice-director; Antonio Xavier Rodrigues Pinto, 1.º secretario; Joaquim Augusto d'Alfonseca Franco, 2.º secretario; José Maria Teixeira de Azevedo, thesoureiro. Em 1872 serviram os mesmos director, vice-director e thesoureiro, sendo 1.º secretario Joaquim Augusto d'Alfonseca Franco, e 2.º Antonio Augusto Pereira de Barros.

«Os esforços continuaram incessantes, incansáveis, e repetindo-se em todas as sessões do conselho e directoria. Em Lisboa era a administração auxiliada por Antonio Maria Pereira, que não se limitando ao simples papel de agente commercial, procurava pelos maiores esforços conseguir do estado e de particulares dadas valiosas; adiantava meios todas as vezes que as emergencias requeriam, e tomava como causa propria a da instituição querida e amparada. Muitos serviços devem as letras a este prestimoso commerciante; mas a coadjuvação ao *Gabinete* é sem duvida a de maior alcance e abnegação. Por outro lado Ferreira Margarido, João Maria de Miranda Leone e Manuel Roque trabalharam como interessados individualmente, como se fossem consubstanciados com a instituição para que os beneficios annuaes se ampliassem e crescessem em resultados, unindo-se estes aos saldos dos exercicios financeiros, para tornar possível a aquisição de terrenos e de capitaes no elevado proposito de levantamento do edificio.

(Continua)

G. L.

MARCOS PORTUGAL

(Continuação do n.º 82)

IV

Desde então foi considerado no numero dos melhores compositores d'aquella época avultando entre estes Cima Rosa, Piesiello, Piccini, Zingarelli, Fioravanti, Grotty, Richard e Monsigny.

Em 1799 volta de novo a Lisboa, quando o theatro de S. Carlos estava n'uma época de florescencia, em que o gosto se ia já desenvolvendo e extasiando nas delicias da boa musica. Animado pela protecção de Grescentini, então empresario do theatro, que o convidou para o logar de regente-compositor com o ordenado de 672\$600 réis. Desejoso de se fazer ouvir pelos seus compatriotas, filhos da patria que fora o seu berço, suppondo talvez um futuro tranquillo pelos interesses pecuniarios que lhe rendiam os seus lugares da capella real, seminario e organista da catedral, animou-se a fixar residencia na sua terra natal.

Em 1799 foi levantada a interdição que prohibia a representação a senhoras e no elenco de S. Carlos entrava a insigne artista Catalani, vacillante ainda na arte mas já mostrando grande merecimento.

Marcos e Fioravanti eram os regentes, compondo ambos para o dito theatro operas, que o portuguez levava sempre a primazia conforme diz um distincto escriptor.

Para este homem infatigavel o descaerco era impossivel, de modo que continuou compondo activamente no curto intervalo de 1801 a 1806; desde a *Sofonisba* até o *Artace* encontramos nada menos de 12 operas. Compondo e ensinando, desfrava-se-lhe tranquilamente o tempo no meio dos seus discipulos que religiosamente escutavam o mestre. Escutavam, sim, porque Marcos não era só compositor, cantava em excellente estylo e em voz de tenor segundo diz o cardinal Saraiya. Entre os seus discipulos de piano contava-se a insigne Catalani, artista que resleva a fama das operas do nosso maestro com a perfeita execução.

Em quanto porém elle se embebia nos seus trabalhos, carregavam-se os horizontes politicos cada vez mais e em 1807 os francezes commandados por Junot batiam ás portas de Lisboa. A familia real atemorizada refugiava-se no Brazil. Marcos ficou; ou porque se lhe dificultasse a saída ou por impossiveis d'outro qualquer genero, ou finalmente porque os francezes, admiradores e respeitadores do talento, não quizessem deixar perder aquella occasião de o admirar e applaudir. E assim foi. No dia 15 de agosto de 1808, anniversario de Napo-

leão I, Marcos foi obrigado a dirigir o *Demofonte*. E os francezes que em 1801 pela abertura do theatro italiano em Paris, applaudiram entusiasmamente a opera *Non irritar le done*, repetiram as suas ovações ao nosso maestro.

Marcos não acompanhava a familia real, pois o seu logar de artista era junto do palco, que lhe juncavam de corosa; mas circumstancias financeiras obrigando a empresa a fechar o theatro, Marcos foi então acollher-se junto dos seus reis a solicitar a protecção a que tinha direito, acompanhado d'alguns bons artistas, isto depois de recusar propostas vantajosas que lhe faziam em diferentes côrtes da Europa onde o seu talento fora devidamente apreciado.

V

A sua chegada ao Rio de Janeiro, D. João VI acollheu-o satisfeito, nomeando-o logo mestre de capella real, e dando-lhe occasião de dirigir o movimento artistico que no novo mundo se iniciava. Escreveu diferentes operas para o theatro de S. João, recentemente construido, cuja direcção estava a seu cargo. Considerado por D. João VI, e tambem pela corte que festejando Marcos Portugal li-songeava o rei recelava a todo o momento provas da affeição que lhe tributavam e entre ellas a commenda de Christo, graça concedida n'aquelle tempo ao verdadeiro merito.

Em 1811 compõe o magestoso hymno da nação que se tocava nas grandes festas nacionais e que jaz hoje no esquecimento.

Por officio de 30 de Dezembro de 1853 era nomeado socio correspondente do Instituto Nacional de França, officio em que lhe significavam o apreço e consideração dos compositores francezes, reputando-o como um dos homens que mais valiosos serviços havia prestado á arte.

Assim os seus contemporaneos souberam recompensar e animar o artista: não é pois justo que nós o esqueçamos.

Em 1820 lá se encontra ainda a dirigir uma missa solemnemente escripta para celebrar o anniversario da acclamação de D. João VI, sempre firme no seu posto ainda que já bastante doente. Regressando a corte a Lisboa o mesmo compositor não a ponde acompanhar porque a doença já não o deixava depois de dois ataques de paralyzia.

Quando se proclamou a independencia, ficou Marcos no serviço do imperador, que fora seu discipulo. Não obstante o seu grande merecimento cercaram-lhe parte consideravel dos seus ordenados, quando a cidade e a doença não o deixavam trabalhar.

Seria mais uma victima da desventura que persegue sempre ou quasi sempre os homens illustres, se a nobre marquez de Agular não lhe abrisse as portas do seu palacio, acollendo carinhosamente quem pouco tempo teria de vida. A ella devemos este santo e nobre serviço. Em sua casa contando sessenta e oito annos de idade incompletos, a 7 de fevreiro de 1830 succumbio Marcos Portugal a um terceiro ataque de paralyzia, sobrevivendo-lhe sua esposa ignorando-se comtudo se deixou filhos. Foi sepultado na capella de Sant'Anna situada no claustro do convento de Santo Antonio dos Franciscanos, no Rio de Janeiro.

Passados annos o nosso compatriota M. de Aranjó Porto-Alegre encontra os restos do maestro e manda-os encerrar n'uma urna, que foi collocada no mesmo logar.

VI

Damos em seguida a relação das operas do nosso insigne maestro o logar e o anno em que se cantaram.

São innumeradas as composições sacras, que Marcos nos legou. Temos noticias de dezotto missas, parte das quaes a instrumental, seis *Te-Deum*, um d'elles a 5 orgãos destinado á basilica de Mafra, vespersas, psalms, canticos, ladainhas, etc.

Omittimos para não cansar o leitor diversas composições ligeiras escriptas para diferentes theatros, entre elles *Salitre* o *Rua dos Condes*; arias, duettos, etc.

1.º — *L'Eroe Cinese*, opera ligeira cantada em Turim, 1788.

2.º — *La Raquetta Portentosa*, opera ligeira cantada em Genova mezes depois da antecedente.

3.º — *Estasio*, opera ligeira cantada em Florença, 1790, e em S. Petersburgo, 1795 a 1797.

4.º — *Il Cino*, opera dramatica cantada em Florença, 1793.

5.º — *I Due Go'hi, ossia le confusioni-nate d'ella Somiglianza*, opera ligeira cantada em Florença e na Alemanha, 1793; Veneza, 1795; Milão.

6.º — *La Vedova rajatrice*, opera ligeira cantada em Florença, 1794; Alemanha 1795.

7.º — *L'aventurieri*, opera ligeira cantada em 1795 n'um theatro particular da Florença.

8.º — *Il ritorno di Sesse*, opera dramatica, cantada em Florença de 1795 a 1797; em Bolonha, 1797.

9.º — *Zulema e Selimo*, opera dramatica cantada em Florença, 1796.

10.º — *Il melinero*, opera ligeira cantada pelo carnaval de 1796 em Veneza; Alemanha, 1792.

11.º — *Rinaldo d'Arti*, opera ligeira cantada em Veneza, 1793; e no theatro da S. Carlos de Lisboa, em 1799.

12.º — *Il principe de Spazzacamino*, opera ligeira cantada em Veneza, 1793; S. Petersburgo, 1793 a 1796; Alemanha, 1794; Lisboa (S. Carlos), 1799.

13.º — *La donna di genio volubile*, opera ligeira cantada em Veneza, 1796; Parma, 1791; Milão, 1799 Alemanha, 1798; S. Carlos de Lisboa, 1799.

14.º — *Il diavolo a quattro, ossia le donne cambiate*, opera ligeira cantada em Veneza, 1797.

15.º — *La maschera fortunata*, opera ligeira em 1 acto cantada em Veneza, 1797.

16.º — *Il filosofo cedente*, opera ligeira cantada em Veneza, 1798; Placencia, 1799; Paris, 1801.

17.º — *Feranto in Messico*, opera dramatica cantada em Roma, 1797; Veneza, 1798; Lisboa, 1805. E con-

siderada no estrangello como a sua obra prima. Existe um exemplar na Bibliotheca Real da Ajuda.

18.º — *Alceste*, opera dramatica cantada em Veneza, 1799.

19.º — *La nozze di Figaro*, opera ligeira cantada em Veneza, 1799.

20.º — *Morte de Semiramide*, opera dramatica cantada em Veneza, 1798; Londres, 1799; Lisboa, 1801. Tem esta opera mais os seguintes titulos, *Madre amorosa, Semiramide, Madre virtuosa*. Foi esta a opera com que debutou em Londres a insigne Catalani, opera que tem a celebre aria *Sun regina in mezzo al armi*, muito conhecida n'esse tempo e que a distincta cantora metta em todas as operas de Marcos. Existe um exemplar na bibliotheca nacional de Lisboa.

21.º — *Demofonte*, opera dramatica cantada em Milão, 1794; em Lisboa, 1808; Rio de Janeiro, 1881. Existem dois exemplares, um na bibliotheca real da Ajuda, o outro em poder do sr. Joaquim de Vasconcellos.

22.º — *Idonte*, opera dramatica cantada em Milão de 1799 a 1800.

23.º — *Le donne cambiate, ossia il Cin-Bottino*, opera ligeira cantada na Alemanha, 1799; Milão, 1811; Lisboa, (S. Carlos), 1804.

24.º — *Oro non compra amore*, opera ligeira cantada em Lisboa, 1804; Milão, 1808; Rio de Janeiro, 1817. A symphonia d'esta opera é talvez a melhor de Marcos. Está em poder do sr. Joaquim de Vasconcellos.

25.º — *Adriano in Syria*, opera dramatica cantada em Milão, 1815. Conhecem-se vinte e sete operas com este titulo e de diferentes auctores.

26.º — *La morte de Mithridate*, opera dramatica cantada em Lisboa, 1806; Milão, 1815. Existe um exemplar na bibliotheca real da Ajuda.

27.º — *L'ingano poco duro*, opera ligeira cantada em Napoles, 1796.

28.º — *L'equivoco in equivoco*, opera ligeira cantada em Verona, 1798.

29.º — *Orazi e Curiazi*, opera dramatica cantada em Ferrara, 1799.

30.º — *Adriano*, opera dramatica cantada em Lisboa (S. Carlos), 1806.

31.º — *L'isola piacevole*, opera dramatica cantada em S. Carlos, 1801.

32.º — *Sofonisba*, opera dramatica cantada em S. Carlos, 1803.

33.º — *Il triumpho de Clelia*, opera dramatica cantada em S. Carlos, 1803.

34.º — *Zaria*, opera dramatica cantada em S. Carlos, 1804. Ha um exemplar na bibliotheca real da Ajuda.

35.º — *Merope*, opera dramatica cantada no Rio de Janeiro, 1817; Lisboa, 1819. Ha dois exemplares, um está em poder do sr. Gabriel Casimiro, o outro na Ajuda.

36.º — *Argente*, opera dramatica cantada em S. Petersburgo, 1794 e 1795; Lisboa, 1804; Londres, 1806.

37.º — *Ginevra di Scozia*, opera dramatica cantada em S. Carlos, 1805. Está na bibliotheca real da Ajuda.

38.º — *Il duca di Foix*, opera dramatica cantada em S. Carlos, 1805.

39.º — *Artace*, opera dramatica cantada em S. Petersburgo, 1794-1795; em S. Carlos, 1806.

40.º — *Il triumpho di Gualtano*, opera dramatica cantada em S. Carlos, 1810.

VIAGENS

DOS SENS.

HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS

na Africa Equatorial

OS EXPLORADORES E A EXPLORAÇÃO

XII

Depois de ter descripto os costumes mais caracteristicos e os factos mais originaes dos povos que Capello e Ivens encontraram na sua viagem, resta agora apresentar, n'uma exposição de conjuncto, o que os exploradores souberam sobre a origem mais provavel das raças, ou, pelo menos, das nações, se nações se lhes pôde chamar, que occupam o oeste d'África a sul do Congo.

Os povos africanos sabem mais da sua historia, e sabem mais uns dos outros, do que á primeira vista pôde suppôr-se da sua rudeza, das suas poucas relações economicas ou mesmo militares, e da natureza barbara da sua existencia actual.

A tradição tem-lhes deixado na memoria numerosas narrações, vagas sem duvida e, pela maior parte, só verdadeiras sob um certo ponto de vista, mas importantissimas de colligir para a futura fundação da Historia de Africa.

É claro que as lendas abundam, e que ellas se não podem tomar ao pé da letra. Mas todos os monumentos primitivos dos povos tem o mesmo caracter, os mesmos defeitos de que justamente derivam as suas mais preciosas qualidades.

Encontra-se entre os povos que Capello e Ivens conheceram na Africa Austral a noticia

de duas grandes invasões. Ambas parece terem descido de noroeste, do grande centro montanhoso que rodeia os lagos, d'onde também dimanam, para todos os lados, os grandes rios d'aquelle continente.

A mais a oeste foi a dos *Bondos* ou, talvez, dos *Iacas*. Vieram elles, tanto quanto é possível suppôr das narrações de hoje, das margens do alto Congo-Zaire e atravessaram as terras de Iaca, limite das explorações de Capello e Ivens.

Dos povos d'esta invasão derivam talvez todas as gentes que hoje fallam a lingua Bunda ou o *Lu-Bundu*, entre o Zaire e o Quanza, que parece ter sido, pouco mais ou menos, o limite do movimento.

Poucas ou raras tribus existiam n'estes territorios, ao que parece, a não ser ao norte. Estas suppõe-se que foram avassaladas e por muito tempo existiram sob o dominio dos conquistadores por que a sua denominação *Conges* significa *Es-cravos*.

Quando os portuguezes chegaram á costa e começaram o seu trabalho de apropriação encontraram, derivado dos *Bondos*, o reino de Angola ou *Jinga*. O reino do Congo já por esse tempo apparece também independente.

A segunda grande invasão, occupando os territorios mais de leste, e que se manteve no interior sem chegar á costa, parece ter-se dado em epocha relativamente mais recente, talvez pelo seculo 16 ou 17 da nossa era.

Sabem tradicionalmente os povos que d'ella descendem que, ao tempo das occupações d'elles, também os portuguezes combatiam junto das Pedras negras do Pungo Andongo.

Esta segunda invasão é chamada a dos *Tembo* ou *Principes*.

Conta-se d'uma mulher, originaria talvez do nordeste da Lunda que tinha 3 filhos que se chamavam N'Dumba Tembo, Bomba Tembo e Cassange Tembo. Estes 3 caçadores celebres deram origem ou dominaram em tres grandes populações que hoje ainda existem:

De N'Dumba Tembo vieram os Quiocos:

De Bomba Tembo os Songos:

De Cassange Tembo os Bangalas ou D'Jagas que são talvez os mesmos Galas de que falla Schweinfurth, pois que *Ban* é apenas um signal de plural nas linguas africanas d'aquella parte.

Em geral todas as tribus comprehendidas sob o nome de *Nano*, procedem d'esta segunda grande invasão.

São povos que fallam dialectos semelhantes d'uma lingua commum o *Lu-Nano* ou *Tchin-Nano*, *Lu* e *Tchin* significando idioma.

Estes povos estenderam-se até ao paiz dos Nhenbos, pelo norte da região do Calaari e cobriram toda a região montanhosa. Por isso talvez, vivendo em condições mais hygienicas que as das baixas da costa, as populações descendentes dos *Tembo* são relativamente mais perfectas de formas, e mais robustas, mais industriosas que as descendentes dos *Bondos*.

Os *Bondos* caminharam entretanto pelo littoral, subindo ao sul e encontraram ali talvez

tribus de caiffres que, pelo littoral também desciam para o norte. Da fusão entre os povos d'estas duas raças, se originaram provavelmente as populações, como os Ba-Cuissos, os Ba-Cuando, etc., que são as mais degradadas de formas e aptidões que os Exploradores portuguezes encontraram na sua viagem.

A segunda invasão parece ser, pelo paiz até onde é possível seguir-lhe a origem, de povos da Lunda. D'estes souberam os Exploradores factos muito interessantes.

Além do chefe supremo da Nação, o Muata-Ianvo, ha sempre uma mulher altamente venerada chamada Lucoquessa. Esta tem a sua *Mussumba* ou habitação, a sua côrte, não longe da *Mussumba* e côrte do Muata-Ianvo. A Lu-



CONVENTO DE SANTO ANTONIO DOS CAPUCHOS NA ALDEIA DA MERCEANA (Desenho do natural por João Christino)

coquessa é considerada a representante da mãe do primeiro Muata-Ianvo, é sempre authorizada n'estas funções por, não se sabe, que systema especial de successão.

Os Ianvos formam, na Lunda uma dynastia relativamente recente que não tem dado mais de 4 ou 5 chefes. Antes d'elles governavam os Muropoes.

Todos os povos de Africa se dizem com orgulho descendentes d'um caçador, o que desenha bem o estado da sua civilização.

(Continua)

ALBERTO DE CERVAES.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Os *LUSIADAS*, fasciculo 15.^o e 16.^o, editor Emilio Biel, Porto. — Já estão publicados mais dois fasciculos d'esta formosa edição.

O fasciculo 15.^o é acompanhado por uma gravura em aço, esculpida por Kransé, e allusiva ao canto viii est. 3.^o, e o fasciculo 16.^o além de uma nitida gravura em madeira que adorna a primeira pagina do canto vii, include uma phototypia da gravura que illustra a edição do Morgado de Mathews, *Apparição do gigante Adamastor*.

O INSTITUTO, *Revista scientifica e litteraria*, vol. XXVIII, fevereiro de 1881, 2.^a serie, n.^o 8, Coimbra, imprensa da Universidade. — Publica a continuação de um *Breve estudo sobre o primado universal da igreja christã*, por Antonio Pereira Pimentel de Brito Côrte-Real; continuação do *Catálogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez*, por Adolpho Frederico Moller; continuação da *Os seis livros de Tito Lucrecio Caro sobre a natureza das cousas*, vertidos em verso por A. de M. Falcão, e a continuação do *Catálogo dos objectos existentes no museu de archeologia do Instituto de Coimbra*, por J. C. A. de C.

JORNAL DE VIAGENS, n.^o 94, 4.^o vol. empresa Ferreira de Brito, Porto. — Continua regularmente a sair á luz este periodico que tem conseguido agradar, e que é uma das publicações mais no espirito da epocha.

DELTA DO ZAMBÈZE, *Mappa coordenado por Affonso de Moraes Sarmiento*, e publicado pela empresa Ferreira de Brito, Porto. — Este mappa colhido nas viagens do sr. Sarmiento durante 1877 a 1880 abrange o territorio de Quilimane até ao Quanza. É mais um subsidio importante para o conhecimento da Africa, assumpto, que hoje, chama a attenção geral.

O PANTHEON *Revista quinzenal de Sciencias e letras*, redactores J. Leite de Vasconcellos e Mont'Alverno do Sequeira, n.^o 8, typ. Nacional, Porto. — Publica artigos de muito interesse sobre sciencias e litteratura.

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA, directores Antonio Feijó e Luiz de Magalhães, n.^o 2 janeiro de 1881, Coimbra imprensa Academica. — Esta revista, orgão dos trabalhos da geração nova, publica artigos muito interessantes tanto em sciencia, como em litteratura.

BRINDE AOS SRS. ASSIGNANTES DO DIARIO DE NOTICIAS EM 1881, Lisboa, typographia Universal. — Este livrinho de cerca de 200 paginas, com que a empresa do Diario de Noticias, costuma brindar todos os annos os seus assignantes, contém sete pequenos contos escriptos por os srs. Gomes Leal, Monteiro Ramalho, Gervasio Lobato, Christovão Ayres, Eduardo Coelho, etc.

JORNAL DO DOMINGO, gerente o proprietario Augusto de Sampaio Garrido, n.^o 6, Lisboa. — Temos recebido regularmente este semanario, que ha pouco principiou a sua publicação. Vem enfileirar-se entre as publicações illustradas, que hoje constituem um grande meio de desenvolvimento do bom gosto, principian-do, em Portugal, a ser procuradas de preferencia pelo publico, que encontra n'ellas recreio e instrução.

AVISO

Com este numero do OCCIDENTE é distribuido, gratis a todos os actuaes srs. assignantes e correspondentes, um supplemento.

— Retrato de Victor Hugo.

Tambem tem direito a este supplemento, e aos mais que se publicarem durante o corrente anno, todas as pessoas que se subscreverem assignantes por um anno.

Para os srs. compradores avulso o preço do supplemento é de 400 réis, e com o periodico 500 réis. O periodico só 420 réis.

ENIGMA

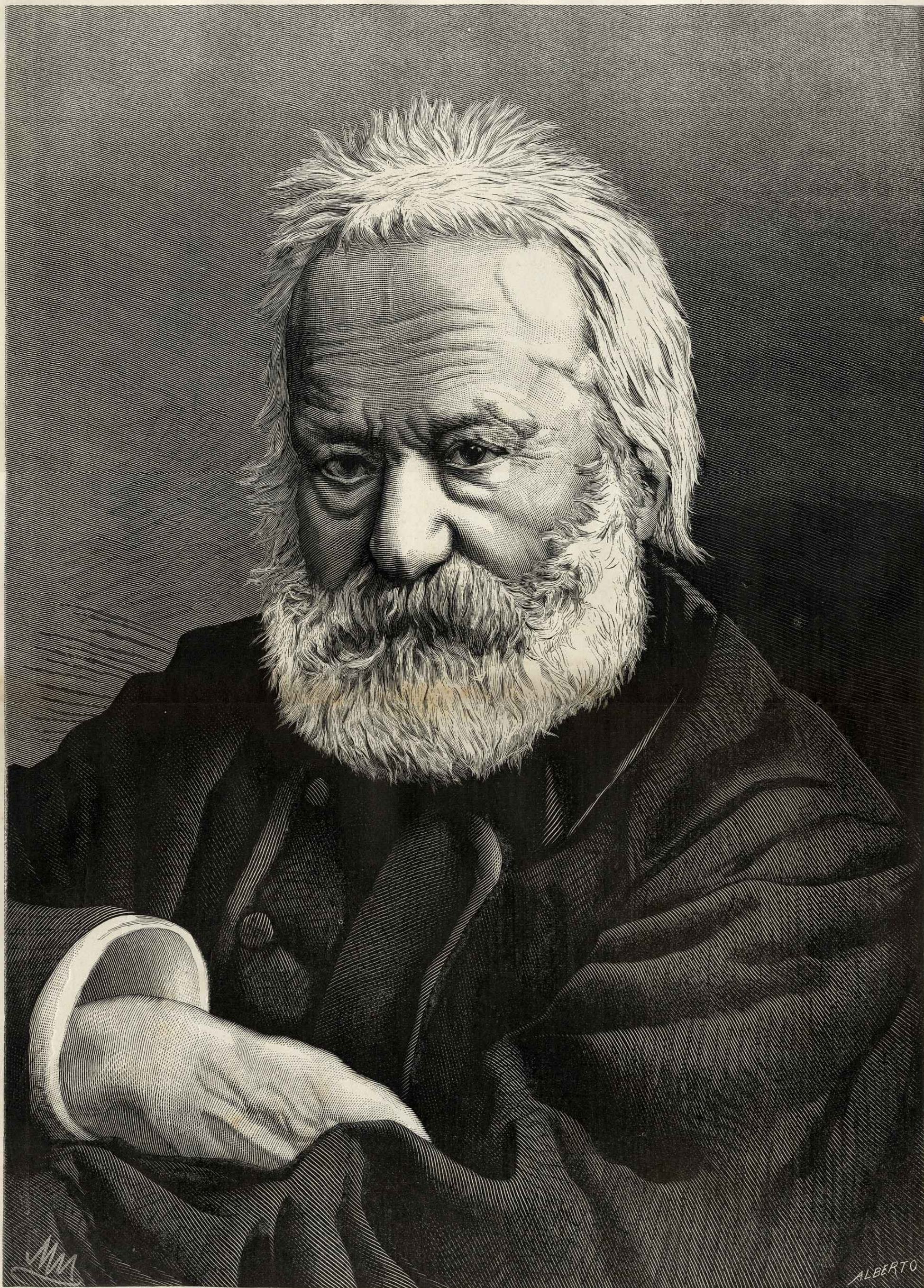


Explicação do enigma do numero antecedente:

O amor sempre vela porque o amor lhe faz sentinella.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6



Victor Hugo

VICTOR HUGO